

ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO DOS ELEMENTOS TÉCNICO-TÁTICOS DEFENSIVOS INDIVIDUAIS DO HANDEBOL NAS CATEGORIAS INFANTIL, CADETE E JUVENIL

TEACHING-LEARNING-TRAINING OF INDIVIDUAL TECHNICAL-TACTICAL ELEMENTS OF HANDBALL FOR UNDER-14, UNDER-16 AND UNDER-18 TEAMS

ENSEÑANZA-APRENDIZAJE-ENTRENAMIENTO DE LOS MEDIOS TÁCTICOS DEFENSIVOS INDIVIDUALES EN BALONMANO PARA LOS INFANTILES, CADETES Y JUVENILES

Rafael Pombo Menezes*, Heloisa Helena Baldy dos Reis, Hugo Tourinho Filho***

Palavras-chave

Esportes.
Handebol.
Técnicas.
Crianças.
Adolescente.

Resumo: O objetivo deste estudo é apresentar possibilidades para o ensino dos elementos técnico-táticos defensivos individuais do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil. Para isso, são discutidas as características inerentes ao desenvolvimento dos jogadores em cada etapa, assim como os aspectos que permeiam alguns dos elementos técnico-táticos defensivos individuais (como a marcação, a flutuação, a cobertura e a dissuasão) e os sistemas defensivos. Desta forma, foi possível verificar que o método situacional é importante para contemplar diferentes aspectos em cada categoria, por fornecer subsídios motores e cognitivos para o norteamo das tomadas de decisão dos defensores.

Keywords

Sports.
Handball.
Techniques.
Child.
Adolescent.

Abstract: The aim of this work is to present possibilities for teaching handball's individual technical-tactical defensive elements in under-14, under-16 and under-18 categories. For this, we discuss characteristics inherent in players' development at each age group, as well as aspects pervading some individual technical-tactical defensive elements (such as marking, floating, coverage and dissuasion) and defensive systems. Thus, it was possible to see that the situational method is important for considering different aspects in each category since it provides motor and cognitive experiences for defenders' decision-making.

Palabras clave

Deportes.
Balonmano.
Técnicas.
Niños.
Adolescente.

Resumen: El objetivo de este estudio es presentar las posibilidades para la enseñanza de los elementos técnico-táticos defensivos individuales de balonmano en las categorías infantil, cadete y juvenil. Para ello se discuten las características inherentes al desarrollo de los jugadores en cada categoría, así como los aspectos que se relacionan con los elementos técnico-táticos defensivos individuales (como el marcaje, la fluctuación, la cobertura y la disuasión) y los sistemas defensivos. Así, fue posible verificar que el método situacional es importante para contemplar diferentes aspectos en cada categoría al subsidiar los dominios motores y cognitivos de la toma de decisión de los defensores.

* Universidade de São Paulo (USP).
Ribeirão Preto, SP, Brasil.
E-mail: rafaelpombo@usp.br

** Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Campinas, SP, Brasil.
E-mail: heloreis14@gmail.com

Recebido em: 01-04-2014
Aprovado em: 21-01-2015



1 INTRODUÇÃO

Um dos problemas com os quais os técnicos e os membros de uma comissão técnica se deparam, atualmente, no ensino dos jogos esportivos coletivos (JEC) se refere aos conteúdos a serem abordados em cada uma das faixas etárias, ou das “categorias” às quais os jogadores estão situados. Outro problema se refere às questões da especialização esportiva precoce, relacionadas com a escolha e treinamento de uma modalidade, ou de uma modalidade a partir da especificidade da função desenvolvida (SANTANA, 2005).

É importante salientar que nas etapas iniciais do processo de formação esportiva sejam selecionados métodos de Ensino-Aprendizagem-Treinamento (EAT) que possibilitem aos jogadores o desenvolvimento das características motoras, cognitivas e socioafetivas e que, ainda assim, não submetam esses a modelos de especialização precoce ou de comportamentos estereotipados. Deve-se entender, para tanto, que as cargas de treinamento semelhantes às dos adultos apresentadas nas etapas de formação esportiva não parecem adequadas (KRÖGER; ROTH, 2005).

As sobrecargas citadas são influenciadas por aspectos como a seleção de um modelo ideal de rendimento, a competição como principal modelo de avaliação e a cobrança imediata (e precoce) por resultados, que podem desencadear um quadro de especialização esportiva precoce (SANTANA, 2005). Tende-se, para tanto, a reduzir a complexidade dos eventos inerentes ao cenário técnico-tático do jogo para comportamentos técnicos estereotipados, executados de forma descontextualizada (MENEZES, 2012).

A complexidade inerente aos JEC, considerados fenômenos sociais complexos e dinâmicos (TEODORESCU, 1984), conflita com a tendência da realidade reducionista, com a qual a iniciação esportiva tem sido concebida por muitos (GARGANTA, 1998; SANTANA, 2005). Há a necessidade, portanto, da superação do paradigma mecanicista, a partir de uma proposta na qual o jogador seja considerado um sujeito e não como uma máquina (MEMMERT; HARVEY, 2010).

Esse cenário complexo de jogo é influenciado pelas relações de cooperação e oposição¹ (GARGANTA, 1998; PARLEBAS, 2001; TEODORESCU, 1984), sendo importante que os jogadores apresentem um comportamento tático flexível (GRECO, 2001) que lhes permita intervir de maneira inteligente, seja para contemplar os objetivos inerentes à fase ofensiva ou à fase defensiva. Bayer (1994) e Gréhaigne e Godbout (1995) apresentam princípios norteadores para a fase defensiva (recuperar a posse da bola, impedir a progressão adversária e proteger o alvo) que sugerem uma lógica interna do jogo², dentro da qual é imprescindível a execução de elementos técnicos e técnico-táticos individuais e coletivos.

Kröger e Roth (2005) apontam que os princípios defensivos se relacionam com ações como fechar os espaços, dificultar o jogo do adversário e evitar que o adversário alcance seu

1 Parlebas (2001, p. 473) aponta que as regras do jogo estabelecem as formas de interação entre companheiros e adversários, ou relações de solidariedade (comunicação motriz) e de antagonismo (contracomunicação motriz).

2 Parlebas (2001), precursor da Praxiologia Motriz, aponta que a lógica interna remete a um sistema de características referentes a uma situação motriz e suas consequências para a realização da ação motora correspondente, ou tomada de decisão. O autor complementa que a lógica interna é caracterizada pelas ações motoras (ou motrizes) ligadas diretamente ao sistema regulamentar do jogo. De maneira complementar, Scaglia *et al.* (2013) apontam que tal lógica está relacionada com a interação entre os elementos funcionais (como a bola e os alvos) e estruturais (como os princípios operacionais) do jogo, a partir de conflito de objetivos entre os jogadores da mesma equipe e jogadores adversários.

objetivo. Diante dessa premissa os defensores ocupam seus postos específicos³, nos quais desenvolvem os elementos técnico-táticos individuais e coletivos de forma a dificultar as ações ofensivas individuais e as construções ofensivas coletivas.

O handebol, inserido nesse contexto técnico-tático complexo no qual as equipes em confronto visam anotar o maior número possível de gols, também exige que os jogadores tomem suas decisões de forma inteligente e contextualizada ao cenário técnico-tático. A manutenção da posse da bola pelos atacantes, associada às suas constantes buscas pela ocupação de territórios favoráveis, impõe aos defensores o desenvolvimento de ações que lhes permitam dificultar as ações dos atacantes e o encadeamento coletivo dessas (MENEZES, 2010).

Os atacantes têm vantagens sobre os defensores, principalmente relacionadas ao privilégio sobre as decisões a serem tomadas (BAYER, 1987), o que traz uma série de implicações aos defensores e aos sistemas defensivos, como a leitura rápida do contexto técnico-tático que permita perturbar as ações criativas ofensivas.

Defender, no handebol, implica desenvolver e aplicar inteligentemente o conjunto de técnicas e táticas (individuais e coletivas) inerentes aos defensores. O desenvolvimento desse conjunto de técnicas e táticas defensivas deve ser orientado em profundidade e largura na quadra, considerando agrupamentos e dispersões dos jogadores (ANTÓN GARCÍA *et al.*, 2000), para criar situações defensivas vantajosas.

A abordagem dos conteúdos ao longo do processo de formação do jogador de handebol deve ser dada a partir dos elementos mais gerais aos mais específicos, culminando na especialização do jogador após um bom domínio das habilidades básicas em diversos postos específicos. As etapas sugeridas por Ehret *et al.* (2002) para o processo de EAT são: formação básica (nível 1: categorias pré-mirim e mirim – até 12 anos), treinamento básico (nível 2: categoria infantil – 13 e 14 anos), treinamento de formação (dividido em nível 3: categoria cadete – 15 e 16 anos; e nível 4: categoria juvenil – 17 e 18 anos) e treinamento de aproximação (nível 5: categoria júnior – até 21 anos).

Para cada etapa do processo de EAT podem ser apresentadas as vantagens e as características dos métodos de ensino dos JEC, uma vez que objetivam viabilizar o domínio de diferentes conteúdos pelos jogadores. Dos diversos métodos descritos na literatura, serão abordados três já conhecidos e consolidados (GRECO, 1998; GRECO, 2001): o analítico-sintético, o global-funcional e o situacional.

Mediante o cenário técnico-tático complexo do jogo, o problema central abordado neste estudo pauta-se na análise do processo de EAT (em específico das categorias infantil, cadete e juvenil) dos elementos defensivos a partir de abordagens que proporcionam subsídios motores e/ou cognitivos aos jogadores, considerando aspectos maturacionais e de desenvolvimento. Sendo assim, o objetivo deste estudo é apontar as características de cada etapa do processo de EAT do handebol (com ênfase nas categorias infantil, cadete e juvenil) e apresentar possibilidades para o ensino dos elementos técnico-táticos defensivos individuais, considerando as características do desenvolvimento dos jogadores e a progressão dos conteúdos específicos.

³ O posto específico se refere à região da quadra, dentro do sistema escolhido (ofensivo ou defensivo), ocupada por um jogador que deve dominar os conteúdos, de forma a aumentar a sua eficácia e a da equipe (ANTÓN GARCÍA, 1990; FERNÁNDEZ ROMERO *et al.*, 1999; MENEZES, 2011).

2 OS ELEMENTOS TÉCNICO-TÁTICOS DEFENSIVOS INDIVIDUAIS NO HANDEBOL

Durante a fase defensiva os jogadores devem tentar controlar os espaços mais vulneráveis a partir da sua distribuição em um sistema de jogo e do desenvolvimento de diferentes elementos técnico-táticos. Neste estudo enfatizaremos quatro elementos técnico-táticos defensivos individuais já consolidados (MENEZES, 2011): a flutuação, a cobertura, a dissuasão e a marcação. Todos esses elementos são dependentes de rápidos deslocamentos e buscam dificultar a realização das ações individuais dos atacantes e o encadeamento das ações coletivas desses.

2.1 Flutuação

Constitui-se na aproximação do defensor em relação ao seu marcador direto quando este se encontra com a posse da bola (Figura 1A) (FERNÁNDEZ ROMERO *et al.*, 1999). O objetivo é reduzir os espaços do atacante para o desenvolvimento de suas ações, pressionando-o nas dimensões espaço-temporais (MENEZES, 2011) e mantendo-o distante de uma possível zona de arremesso.

A eficácia da flutuação aumenta quando o defensor ocupa antecipadamente os espaços livres, diminuindo ações eficazes do atacante para o arremesso de longa distância (FERNÁNDEZ ROMERO *et al.*, 1999). Sendo assim, os defensores devem compreender o cenário técnico-tático apresentado de modo a antecipar as decisões dos atacantes, buscando uma relação de oposição vantajosa para todo o sistema defensivo. Diante de armadores com boa eficácia nos arremessos de longas distâncias, a opção dos defensores passa a ser por flutuações em maior profundidade (MENEZES, 2011).

2.2 Dissuasão

Consiste na aproximação do defensor em relação ao seu marcador direto quando este está sem a posse da bola e é um possível receptor (Figura 1B). O objetivo é causar dúvidas ao passador para retardar a velocidade do ataque, apontando ao passador que a bola pode ser recuperada a qualquer instante (BAYER, 1987).

Assim, a dissuasão deve perturbar e dificultar a circulação da bola, o que impede certas trajetórias do atacante e pode orientar o jogo para regiões nas quais a defesa seja mais forte (BAYER, 1987). Esse conceito deixa subentendida uma concepção de continuidade e interdependência nas decisões tomadas pelos defensores (MENEZES, 2011).

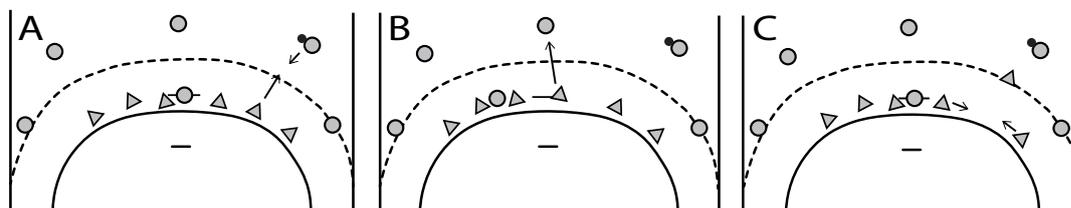
2.3 Cobertura

Constitui-se no deslocamento de um defensor para ocupar o espaço produzido pela flutuação de um defensor vizinho, como representado na Figura 1C. O objetivo é reduzir a produção de espaços pelos atacantes, buscando superioridade numérica defensiva na região onde está a bola (ANTÓN GARCÍA, 2002; MENEZES, 2011).

A cobertura visa proteger a zona da bola, determinada pelo espaço compreendido entre o ângulo de arremesso e o ângulo da ação para a execução do elemento tático empreendi-

do pelo atacante (ANTÓN GARCÍA, 2002). Nessa zona de conflito imediato ficam explícitos os conceitos de ajuda mútua e aumento da densidade defensiva.

Figura 1 - Representação da flutuação (em A), da dissuasão (em B) e da cobertura (em C)



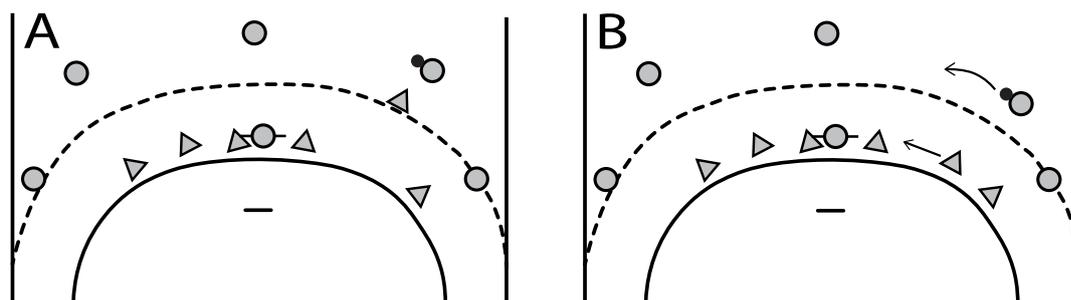
Fonte: Adaptado de Menezes (2011, p.134, 135, 137).

2.4 Marcação

É entendida como a atitude do defensor em relação ao seu marcador direto ou indireto para a obtenção de êxito (MENEZES, 2011), podendo ser executada basicamente em proximidade ou a distância. Na marcação em proximidade (Figura 2A) o objetivo é evitar as ações do atacante que se encontra próximo a ele com ou sem a bola, dificultando a sua recepção (ANTÚNEZ MEDINA; UREÑA ORTÍN, 2002). Há a constante busca pelo contato corporal com o oponente direto, interferindo diretamente nas ações do atacante (MENEZES, 2011).

Na marcação a distância (Figura 2B) não há o contato direto do defensor com seu marcador, mas sim o controle visual do atacante (que está ou não em posse da bola), por meio do qual o defensor poderá se preparar para a flutuação na direção do seu marcador. Esse tipo de marcação pode ser executado quando as ações dos atacantes ocorrem distantes de uma zona de real perigo aos defensores (ANTÚNEZ MEDINA; UREÑA ORTÍN, 2002).

Figura 2 - Marcação em proximidade (em A) e marcação a distância (em B)



Fonte: Menezes (2011, p.136)

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE EAT NAS CATEGORIAS INFANTIL, CADETE E JUVENIL DO HANDEBOL

Alguns aspectos relevantes são apresentados por Daza Sobrino e González Arévalo (1999) quando considerada a iniciação aos elementos defensivos, tais como: progredir da defesa livre (em toda a quadra) até a estruturação da defesa individual; o fato de todos os alunos passarem pela posição de goleiro (implica a não especialização dos jogadores); nas fases

iniciais restringir os contatos entre atacantes e defensores (como agarrar, empurrar e as ações sobre o braço de arremesso).

Os aspectos apontados pelos autores supracitados constituem-se na essência da iniciação ao handebol, privilegiando a formação dos jogadores pautada na variabilidade de estímulos e de possibilidades. Entende-se, desta forma, que ainda nas etapas anteriores à categoria infantil é necessário que os jogadores compreendam a essência da lógica interna do jogo (SCAGLIA *et al.*, 2013), com vistas à formação geral em diferentes postos específicos que servirá como alicerce para as etapas de formação e aproximação do alto rendimento (EHRET *et al.*, 2002).

Considerando os diferentes aspectos envolvidos ao longo do processo de EAT, como os elementos técnicos e técnico-táticos, torna-se importante caracterizar o método de ensino situacional dos JEC em contraposição e como alternativa aos que ainda se utilizam dos métodos analítico-sintético e global-funcional (GRECO, 1998; GRECO, 2001; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

No método analítico-sintético a ênfase é dada aos elementos técnicos (ou fundamentos), nos quais o jogo é fragmentado em unidades menores, que são abordadas de forma isolada do contexto do jogo. Objetiva-se a automatização dos elementos técnicos, a partir dos quais se acredita que seja possível acessar um jogo de bom nível (GRECO, 1998).

No método global-funcional os jogos, dos quais emergem as soluções táticas para os problemas apresentados pelo cenário do jogo, estão no centro do processo. Apresenta-se um jogo, com um dado propósito tático e, a partir das respostas dos jogadores frente à dinâmica do jogo, alteram-se algumas regras para que sejam priorizados ou enfatizados outros elementos (GRECO, 2001; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Já no método situacional de ensino-aprendizagem-treinamento, o jogo é dividido em unidades funcionais, nas quais são mantidos os elementos técnicos e técnico-táticos apresentados no jogo formal (GRECO, 1998). A ênfase é dada às situações de jogo nas quais podem ser enfatizadas as diferentes relações numéricas entre atacantes e defensores (como 1x0, 2x1, 3x3, até alcançar o 6x6), além de explorar setores variados da quadra de jogo (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Salienta-se a importância da variabilidade dos estímulos oferecidos aos jogadores durante o processo de EAT (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014), considerando que a metodologia:

[...] deve estar adequada às necessidades, aos interesses e ao nível da performance individual [...], não pode ser comum a todos os alunos, pois não há metodologia universal e infalível que possa ser aplicada a todos, da mesma forma, como vacina. (GRECO, 1998, p.45).

Assim sendo, serão apresentadas as ponderações referentes à utilização dos métodos de ensino em cada categoria, possibilitando reflexões acerca do tema.

3.1 Categoria infantil

Ehret *et al.* (2002) apontam esta categoria (que abrange jogadores de 13-14 anos) como fase de treinamento básico e a consideram fundamental para qualquer forma de ren-

dimento do handebol. Os autores sugerem que para orientar o jogador para o desempenho na modalidade é importante que passe do processo básico para o intermediário até a especialização.

As características importantes do jogo de handebol nessa fase constituem-se pela presença do sistema de marcação individual (priorizado em algumas competições em diferentes instâncias), no qual cada defensor é responsável pela marcação de seu oponente direto em toda a quadra de jogo. Esse sistema se caracteriza pela constante pressão exercida sobre os atacantes, diminuindo seu tempo e seu espaço disponíveis para perceber o cenário técnico-tático e tomar suas decisões (FERNÁNDEZ ROMERO *et al.*, 1999; SIMÕES, 2002; MENEZES, 2010).

Diante dessa proximidade o atacante precisa desenvolver diferentes elementos técnico-táticos (como as fintas e o desmarque), que exigem do defensor a utilização de diferentes elementos para tentar recuperar a posse da bola. Vale ressaltar que a composição dos sistemas defensivos zonais se dá em duas ou três linhas (como o 5:1, o 3:3 e o 3:2:1, por exemplo), o que facilita as relações de oposição direta aos defensores (pela transição do sistema individual para o zonal) e viabiliza a compreensão (pelos defensores) das zonas de ocupação espacial.

A defesa individual está relacionada com alguns elementos técnico-táticos defensivos individuais, como a marcação, a flutuação e a cobertura (MENEZES, 2010). Já a determinação dos sistemas zonais permite ao defensor se relacionar diretamente com o atacante de sua responsabilidade, de modo a desenvolver diferentes elementos, como aqueles citados para a marcação individual, acrescidos da dissuasão.

A formação de jogadores polivalentes tem sido cada vez mais significativa, o que exige dos jogadores uma grande capacidade de se adaptarem às situações apresentadas pelo cenário técnico-tático do jogo. Essa premissa agrega ao processo de EAT a necessidade de que os jogadores possuam vivências diferentes, de modo que sejam possibilitadas múltiplas formas de resolução das situações-problema nos níveis individual, grupal e coletivo (GRECO, 1998, 2001; EHRET *et al.*, 2002).

Especificamente em relação aos defensores, Ehret *et al.* (2002) apontam a necessidade de variações nas táticas individuais, que conferem dinamismo a partir das diferentes formas de jogo atreladas ao sistema defensivo. O dinamismo mencionado pelos autores sugere adotar métodos de ensino participativos, nos quais os jogadores, dentro de um determinado cenário técnico-tático, busquem soluções variadas para as situações-problema. Greco, Silva e Greco (2012) chamam atenção para o desenvolvimento da capacidade tática defensiva individual abrangendo aspectos como o posicionamento dos jogadores e a marcação.

Nessa perspectiva, o método situacional contempla as características dessa categoria, além de fornecer um ambiente rico em situações-problema a serem solucionadas pelos jogadores. A preocupação pela utilização de métodos de ensino participativos se dá em virtude de que na prática é comum a utilização frequente do método analítico (GRECO, 1998), cujas intenções são diametralmente opostas a esse.

A justificativa pelo método situacional se dá pelo fato de que na situação apresentada aos jogadores, específica do handebol e com número reduzido de jogadores, há a demanda por capacidades de jogo como percepção, atenção, antecipação e tomada de decisão (MATIAS; GRECO, 2010). Desta maneira, os jogadores devem inter-relacionar as capacidades

técnicas, táticas e cognitivas (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014) para selecionar e executar os elementos técnico-táticos que consideram mais relevantes para a resolução da situação-problema.

Greco (1998) aponta que nesta categoria a utilização do método situacional permite inter-relacionar diferentes capacidades (técnicas, táticas e motoras) a partir de situações de jogo que impliquem o desenvolvimento individual e grupal. De maneira complementar, Greco, Silva e Greco (2012) sugerem a utilização de estruturas funcionais com e sem curinga para o desenvolvimento das capacidades técnicas e táticas de forma situacional, além de apontarem a importância de jogos para o desenvolvimento da inteligência tática, sugerindo a utilização, por exemplo, de duas bolas no ambiente de jogo.

3.2 Categoria cadete

Nesta categoria (que abrange jogadores de 15-16 anos) o ensino dos elementos técnico-táticos defensivos individuais deve considerar a consolidação dos conteúdos técnicos e táticos das categorias anteriores do processo de EAT (etapas de formação – EHRET *et al.*, 2002). Nessas etapas há a prioridade pela abordagem do sistema defensivo individual (apresentada como um consenso na literatura), que traz implicações nas características físicas, técnicas e táticas dos jogadores (MENEZES, 2010). Na categoria cadete, algumas competições direcionam a opção dos técnicos para sistemas defensivos individuais e/ou zonais (ainda evitando os sistemas mistos ou combinados, nos quais alguns jogadores marcam em zona e outros de maneira individualizada).

Nesta fase o adolescente apresenta bons níveis de força e resistência, conseguidos ao longo do processo de maturação (PAYNE; ISAACS, 2007), que permitem desenvolver as capacidades motoras em conjunto com as coordenativas de forma isolada (exercícios de condicionamento físico) ou combinadas com o treinamento técnico-tático (associado à especificidade técnico-tática do handebol). Assim, a força e o desempenho motor melhoram com a idade durante a adolescência (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009), e características como o crescimento e o desenvolvimento ainda não finalizados podem levar os indivíduos a apresentarem mudanças corporais (ANTÓN GARCÍA, 1990).

Entende-se que, por se tratar da transição entre a etapa de formação e a de especialização, os jogadores possuam um amplo repertório motor (ou técnico), além da compreensão de encadeamentos simples e complexos (defensivos e ofensivos). Considera-se esta fase como apropriada ao início do treinamento específico (mas não especializado) devido ao acúmulo de experiências das etapas anteriores, que podem levar ao amadurecimento dos conceitos de jogo e ao trabalho das capacidades motoras (ANTÓN GARCÍA, 1990). Ehret *et al.* (2002) apontam que se trata da fase limítrofe entre o treinamento de base e o de aproximação ao alto nível e, uma vez finalizada a etapa de iniciação, torna-se possível a aplicação especializada dos conteúdos (GARCÍA HERRERO, 2003).

As propostas pedagógicas devem derivar de situações ofensivas nas quais se pode aumentar ou diminuir a complexidade das ações, em possibilidades como a dinâmica ofensiva, o aumento do número de elementos ofensivos, a distribuição dos jogadores nas linhas defensivas e as situações em desequilíbrio (ANTÓN GARCÍA, 1990).

Ehret *et al.* (2002) apontam para o início da especialização nos postos específicos, mas com todos os jogadores se especializando em todos os postos (sendo a tática individual desenvolvida na universalidade dos postos). Tal especialização se justifica por considerar que os principais problemas defensivos se relacionam, em especial, com deficiências técnicas na relação 1x1 (GARCÍA HERRERO, 2003). Objetiva-se, desta forma, o aprimoramento das técnicas de cada posto específico e o desenvolvimento dos elementos táticos individuais e grupais básicos (ANTÓN GARCÍA, 1990; GRECO, SILVA; GRECO, 2012).

García Herrero (2003) aponta a demanda de um trabalho sistemático e com intencionalidade definida, contemplando as defesas zonais (e a variabilidade em cada sistema) e o aperfeiçoamento da tática individual dos defensores. Ressalta-se a melhoria do dinamismo do jogador, por exemplo, a partir da redução de espaços e do aumento da velocidade de suas ações (ANTÓN GARCÍA, 1990).

Nesta etapa há o aprimoramento dos elementos técnico-táticos defensivos individuais e grupais que possibilitam o surgimento de novos elementos coletivos, a partir de um amplo repertório motor e de uma ampla vivência de situações de jogo (ANTÓN GARCÍA, 1990). Para Ehret *et al.* (2002) um dos principais elementos técnico-táticos defensivos individuais para esta etapa é a cobertura, além dos sistemas defensivos em duas ou mais linhas (como o 3:2:1, o 3:3, o 4:2 e o 5:1). Outros conteúdos também são relevantes, como os bloqueios defensivos, a marcação (em proximidade e a distância), a dissuasão e os deslocamentos (ANTÓN GARCÍA, 1990).

Ponderando as questões dos autores sobre o início da etapa de especialização e o desenvolvimento dos elementos técnico-táticos defensivos individuais como pré-requisitos da tática coletiva, é possível apontar a importância do método situacional principalmente na estrutura 1x0 e 1x1.

O método situacional se relaciona, assim como apontado nas considerações referentes à categoria infantil, com a seleção de uma entre as diferentes possibilidades de ação diante de uma situação-problema, para a qual o jogador deve analisar criticamente o ambiente e as possíveis mudanças nas relações de cooperação e oposição. Há a manutenção dos comportamentos imprevisíveis do jogo (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014) em um ambiente com número reduzido de jogadores, o qual apresenta-se eficaz para o desenvolvimento do pensamento tático dos jogadores (MEMMERT; HARVEY, 2010).

Dessa forma, o método situacional é apresentado como uma importante opção para o ensino por manter a complexidade dos elementos do jogo em situações específicas, de modo que os defensores possam obter diferentes parâmetros provenientes dos adversários, mesmo atuando alternadamente nos postos específicos. Greco, Silva e Greco (2012) sugerem o uso de jogos para o desenvolvimento da inteligência tática e indicam que as estruturas funcionais (em especial o 3x3 com e sem curinga) devem ser trabalhadas em diferentes regiões da quadra e com diferentes formações defensivas (que os autores denominam “constelações”).

3.3 Categoria juvenil

Possivelmente na categoria juvenil (que abrange jogadores de 17-18 anos) os jogadores tenham alcançado níveis ótimos de desenvolvimento motor, processo denominado de

diferenciação (PAYNE; ISAACS, 2007), apontado como a progressão do movimento de um padrão imaturo (ou rudimentar) para um padrão preciso, com bom controle e intencional. Esse processo sofre influência dos estímulos recebidos pelos jogadores nas etapas anteriores do processo de EAT, que permitem a assimilação e a acomodação de diferentes esquemas motores. A utilização do método situacional de ensino dos JEC tem a premissa de fornecer estímulos variados de cunho técnico e técnico-tático, de modo que os jogadores possam desenvolver, ao longo do processo de EAT, um comportamento flexível e adaptável às demandas impostas pelo cenário do jogo.

Com relação às características antropométricas, meninos e meninas começam a apresentar evidências de diferenças de altura aos 14 anos, sendo que, até então, tais variáveis apresentam incremento em intensidades semelhantes (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009). A estatura adulta é alcançada por volta dos 16 anos nas meninas e dos 18 anos nos meninos. Sendo assim, o crescimento cessa, se não na categoria juvenil, muito próximo a esta, que continua demandando atenção quando da elaboração das sessões de treinamento para melhoria das capacidades motoras.

Sobre a capacidade de força, os meninos apresentam um aumento linear até 13-14 anos (a partir do qual há uma aceleração do seu desenvolvimento), enquanto as meninas apresentam melhora linear do desempenho da força até 16-17 anos (sem evidências de um estirão intenso como o dos meninos) (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009).

Ehret *et al.* (2002) apontam a importância da introdução de outros sistemas defensivos (como o 6:0, caso não tenha sido ainda trabalhado), além do treinamento específico da capacidade de força de membros superiores (manifestada, sobretudo, nos arremessos) e de membros inferiores (manifestada nos saltos e *sprints*, por exemplo). Esta afirmação corrobora Payne e Isaacs (2007) e Malina, Bouchard e Bar-Or (2009), que, ao abordarem os aspectos referentes à força, apontam a categoria anterior a esta (cadete) como possível término de seu desenvolvimento. É possível, desta maneira, o aprimoramento de formas jogadas nos sistemas 3:2:1 e 5:1, aplicados com variações, assim como a utilização (introdutória) das defesas mistas. Considerando as variáveis inerentes ao jogo, Ehret *et al.* (2002) apontam ainda que nessa categoria há a busca pelo desenvolvimento da continuidade do jogo ofensivo, que implica a cada defensor a necessidade de desenvolver suas ações de forma contínua e encadeada com os demais defensores, compreendendo tanto suas possibilidades de atuação individual como combinada com os companheiros.

Na categoria juvenil o aprimoramento técnico em busca da precisão dos movimentos demanda especificidades possíveis a partir das estruturas 1x0 e 1x1 do método situacional, pela ênfase dada aos elementos técnicos e pela repetição dos movimentos, assim como de variabilidade de atividades nas estruturas supracitadas. Diferentemente das categorias anteriores, as quais objetivam uma formação generalista, na categoria juvenil já é exigido certo desempenho nos postos específicos com relação à eficácia na execução dos elementos técnico-táticos. Em contrapartida, Greco, Silva e Greco (2012) defendem que nesta etapa os jogadores devam jogar em diferentes postos específicos sem que haja a especialização em um deles.

O método situacional também é relevante quando o aspecto central está ligado à continuidade do jogo defensivo e ao encadeamento das ações dos defensores. A opção pelo método situacional agrega elementos importantes para os defensores, como a continuidade do jogo ofensivo e a diversificação dos elementos técnico-táticos ofensivos, que demandam

comportamentos específicos e contextualizados dos defensores em situações-problema específicas do handebol.

A partir das características ligadas aos processos de crescimento, desenvolvimento e maturação dos jogadores da categoria juvenil, assim como das vivências que esses acumularam ao longo do processo de EAT, é possível apontar que o método situacional contribui para a especialização dos jogadores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No handebol a iniciativa do defensor deriva da sua atuação crítica diante do comportamento técnico-tático do atacante ou do cenário configurado no jogo. Busca-se, portanto, a manifestação dos elementos técnico-táticos defensivos individuais durante as situações-problema apresentadas pelo jogo de forma contextualizada ao propósito coletivo do sistema defensivo.

O esforço deste estudo deu-se no sentido de apresentar informações relevantes ao processo de EAT dos elementos técnico-táticos defensivos individuais nas categorias infantil, cadete e juvenil, a partir da diversidade de estímulos proporcionada com a utilização de diferentes métodos de ensino dos JEC. Apontamos, sobretudo, que ainda há a necessidade de estudos que enfatizem os conteúdos específicos (ofensivos e/ou defensivos) do handebol, de maneira que forneçam subsídios para o planejamento do processo de EAT sem um apelo à especialização esportiva precoce.

Os técnicos devem compreender a importância do desenvolvimento do jogador de handebol com vistas à não especialização dos jogadores em determinados sistemas defensivos ou em postos específicos, concebendo tal desenvolvimento como um processo. Nas fases iniciais desse processo de EAT do handebol, portanto, deve ser priorizada a atuação dos jogadores em diferentes postos específicos para que se busque futuramente (nas categorias juvenil, júnior e adulta) a especialização dos jogadores.

A compreensão dos indicadores de desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo deve ser considerada quando se pretende elaborar e aplicar um planejamento para o desenvolvimento das capacidades técnico-táticas de jogadores de handebol durante a fase defensiva. A possibilidade de início de especialização é apontada como a categoria cadete (a partir dos 15 anos de idade) por fatores maturacionais e de desenvolvimento, além dos repertórios motor e cognitivo construídos durante as experiências ou vivências nas etapas anteriores do processo de EAT (ANTÓN GARCÍA, 1990; EHRET *et al.*, 2002; GARCÍA HERRERO, 2003).

Ao longo do processo de EAT é necessário o aprendizado inicial dos elementos básicos e generalistas, para então avançar para as técnicas específicas e, por fim, para as competências táticas específicas (KRÖGER; ROTH, 2005). Assim, no que tange ao conteúdo dos elementos técnico-táticos defensivos individuais, as exigências devem apresentar dificuldades crescentes, de forma que conduzam os jogadores para o domínio das intenções táticas defensivas, a partir da compreensão das variáveis que afetam o comportamento dos sistemas (GARCÍA HERRERO, 2003).

Desta forma, aponta-se para a importância de utilizar o método de ensino situacional, de modo que este forneça subsídios motores e cognitivos para o norteamento das tomadas de decisão dos defensores. Situações que simulam o jogo real, por exemplo, são importantes por

oferecerem aos jogadores uma grande riqueza de informações, tais como a manipulação da bola e os encadeamentos das ações técnico-táticas (DAZA SOBRINO; GONZÁLEZ ARÉVALO, 1999).

É importante salientar que o objetivo deste estudo não foi encerrar a discussão sobre o ensino dos elementos técnico-táticos defensivos individuais, mas permitir uma contextualização das possibilidades de ensino inerentes a cada categoria. Concorda-se com Greco (1998) sobre o desenvolvimento da capacidade de jogo depender da interação de aspectos como a experiência do aluno, as idades (evolutiva e biológica), a motivação e o aprender fazendo (jogando).

Considera-se, ainda, que pesquisas futuras que envolvam diferentes aspectos relacionados ao ensino do handebol, seja pela análise dos conteúdos ministrados nas sessões de treinamento ou identificando e analisando os saberes dos técnicos, são relevantes para a construção de um processo de EAT pautado em evidências.

REFERÊNCIAS

- ANTÓN GARCÍA, Juan Lorenzo *et al.* **Balonmano**: alternativas y factores para la mejora del aprendizaje. Madrid: Gymnos Editorial, 2000.
- ANTÓN GARCÍA, Juan Lorenzo. **Balonmano**: fundamentos y etapas de aprendizaje. Madrid: Gymnos, 1990.
- ANTÓN GARCÍA, Juan Lorenzo. **Balonmano**: táctica grupal defensiva. Concepto, estructura y metodología. Granada: Grupo Editorial Universitario, 2002.
- ANTÚNEZ MEDINA, Antonio; UREÑA ORTÍN, Nuria. **Guía didáctica de balonmano**. Murcia: Diego Marín Librero-Editor, 2002.
- BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- BAYER, Claude. **Técnica del balonmano**: la formación del jugador. Barcelona: Hispano Europea, 1987.
- DAZA SOBRINO, Gabriel; GONZÁLEZ ARÉVALO, Carlos. **Unidades didácticas para secundaria IX: Balonmano**. Barcelona: INDE, 1999.
- EHRET, Arno *et al.* **Manual de handebol**: treinamento de base para crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte, 2002.
- FERNÁNDEZ ROMERO, Juan J. *et al.* **Balonmán**: manual básico. Santiago: Edicións Lea, 1999.
- GARCÍA HERRERO, Juan Antonio. **Entrenamiento en balonmano**: bases para la construcción de un proyecto de formación defensiva. Barcelona: Paidotribo, 2003.
- GARGANTA, Julio. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. *In*: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 3.ed. Porto: Universidade do Porto/Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1998. p.11-26.
- GRECO, Pablo Juan. (Org.) **Iniciación deportiva universal 2**: metodología da iniciação na escola e no clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- GRECO, Pablo Juan. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. *In*: GARCIA, E.S.; LEMOS, K. (Ed.). **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Health, 2001. p.48-72.
- GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara Aparecida; GRECO, Fernando Lucas. O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro (SFTE-HB). *In*: GRECO, P.J.; FERNÁNDEZ ROMERO,

- J.J. (Orgs.). **Manual de handebol**: da iniciação ao alto nível. São Paulo: Phorte, 2012. Cap.17, p. 235-250.
- GRÉHAIGNE, Jean-Francis; GODBOUT, Paul. Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective. **Quest**, Champaign n.47, p.490-505, 1995.
- KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus. **Escola da bola**: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2005.
- MALINA, Robert M.; BOUCHARD, Claude; BAR-OR, Oded. **Crescimento, maturação e atividade física**. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2009.
- MATIAS, Cristiano Júlio Alves da Silva; GRECO, Pablo Juan. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.252-271, 2010.
- MEMMERT, Daniel; HARVEY, Stephen. Identification of non-specific tactical tasks in invasion games. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Abingdon, v.15, n.3, p.287-305, 2010.
- MENEZES, Rafael Pombo. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.1, p.34-41, 2012.
- MENEZES, Rafael Pombo. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol**: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. 2011. 303f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- MENEZES, Rafael Pombo. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.13, n.1, p.1-15, 2010.
- MENEZES, Rafael Pombo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; NUNOMURA, Myrian. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, Porto Alegre, v.20, n.1, p.351-373, 2014.
- PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deporte y sociedad**: léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.
- PAYNE, Gregory; ISAACS, Larry D. **Desenvolvimento motor humano**: uma abordagem vitalícia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- SANTANA, Wilton Carlos. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p.1-23.
- SCAGLIA, Alcides José *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, Porto Alegre, v.19, n.4, p.227-249, 2013.
- SIMÕES, Antônio Carlos. **Handebol defensivo**: conceitos técnicos e táticos. São Paulo: Phorte Editora, 2002.
- TEODORESCU, Leon. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.